

INCÔMODO DE PESQUISA. VERDADES E DESCAMINHOS. ALGUMAS APROXIMAÇÕES

Fabiane Olegário¹

Betina Hillesheim²

Resumo: Neste ensaio textual que intitulamos de “Incômodos de Pesquisa. Verdades e descaminhos!” interessa-nos problematizar as convenções da linguagem regidas por um conjunto de normas e regras que instituem a escrita acadêmica concebendo a escrita como uma forma fixa, que formata e engessa o pensamento. Na contramão desse entendimento e apoiadas nas teorizações de Deleuze e Foucault, propomos suspender a verdade acerca da escrita, por meio do ensaio.

Palavras-chave: Filosofia da diferença. Pesquisa. Possibilidades.

Abstract: In this essay, called ‘Disturbances in Research. Truths and Misdirection!’, we are interested in problematizing language conventions ruled by a group of norms and rules that have instituted the academic writing by conceiving writing as an unchangeable form that both shapes and imprisons thought. Contrarily to this understanding and grounded on theories by Deleuze and Foucault, we have proposed the suspension of truth about writing, through the essay.

Key Words: Philosophy of difference. Research. Possibilities.

INICIANDO A CONVERSA

Pensamento tomando corpo com as palavras. Mistura, agrupamento, reuniões de heterogêneos tecem novos fluxos de sentidos que, no encontro, aligeiram-se, compondo matérias de escrita. Experiência que produz o fluxo do pensamento, cavando a possibilidade de ensaiar-se. Ao iniciar a escrita, deparamos-nos com a tela em branco, e, por alguns momentos, temos a sensação de possuir uma ínfima liberdade que nos aproxima do modo de ensaiar, sugerindo caminhos desiguais, sinuosos, bifurcados e díspares.

¹ Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário UNIVATES. Mestranda em Educação na Universidade de Santa Cruz do Sul - Unisc. Bolsista da Capes. fabij10@yahoo.com.br

² Doutora em Psicologia pela PUCRS. Docente pesquisadora do Departamento de Psicologia e do Mestrado em Educação da Universidade de Santa Cruz do Sul - Unisc. betinah@unisc.br

Entendemos o ensaio, a partir das teorizações de Larrosa (2003), “como um gênero híbrido ancorado num tempo e num espaço claramente subjetivos que parecem opor-se às regras de pureza e objetividade que imperam na Academia” (p.110). Desse modo, expomo-nos aos riscos dos ditos e escritos acerca da escrita formalizada. Abrigamos em nossa problematização a vida do pesquisador enquanto produtor e produto de conhecimento, enveredado nas tramas e relações de saber/poder e verdade. Todavia, consideramos ingênuo pensar que o desenvolvimento em torno da temática se dê de maneira tranquila e simples, pois recusamos substituir um modelo por outro.

Inquietamo-nos ao pensar nos caminhos e descaminhos trilhados pelo investigador que escreve de forma passiva, automática e reprodutora, perfeitamente integrada com as funções de colar e copiar. Na outra ponta, incita-nos pensar sobre as possibilidades de experimentar uma escrita com traços de autoria. Nesse sentido, gostaríamos ainda de sublinhar que não estamos trabalhando com formas dicotômicas, visto que é a partir do sistema fixo de linguagem que podemos fissurar os espaços rígidos, encontrando as possíveis sendas para novas criações, inscritas nas linhas da provisoriedade e da transitoriedade.

PRIMEIRA VARIAÇÃO: PESQUISA E (DE)FORMAÇÃO DO PENSAR

Eu tinha vontade de fazer como dois homens que vi sentados na terra escovando osso. No começo achei que aqueles homens não batiam bem; [...] Logo pensei em escovar as palavras. Passava horas inteiras, dias inteiros fechado no quarto, trancado, a escovar as palavras (BARROS, 2003, s. p.).

Usaremos o ensaio a fim de problematizar a escrita acadêmica. Tratamos, nesse sentido, de uma escrita que se experimenta, tentando reinventar o dado, subvertendo os limites da forma. Partindo da necessidade de invenção de novos estilos de vida, recolhemos algumas ferramentas para empreender tal tarefa, permitindo a desconstrução das imagens de verdade provocada pela escrita sangue de Nietzsche e fissurada pelos rizomas de Deleuze, e as investidas nas descontinuidades históricas de Foucault. Desse modo, iniciamos a aventura da escrita como experiência.

Trata-se da exposição do eu, uma vez que, na medida em que escrevemos, somos afectadas³ pelo encontro. Afirma Larrosa (2002) que:

É incapaz de experiência aquele que se põe, ou se impõe, ou se propõe, mas não se ex-põe. É incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre (p.25).

³ Falo de afecto a partir do conceito criado por Deleuze e Guattari (2007) em que ambos consideram que o afecto não é sentimento pessoal, tampouco uma característica, ele é a efetuação de uma potência de matilha que subleva e faz vacilar o eu.

Escritura tecida por muitos, mas que se configura na solidão e, ao mesmo tempo, traz nas pontas dos dedos “os muitos” para compor o ensaio. Há multidões que escrevem conosco, somos atravessadas pelos ecos, ruídos, murmúrios e gemidos. Todavia “[...] não somos mais um nós mesmos. Cada um reconhecerá os seus. Fomos ajudados, aspirados, multiplicados” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 11).

Acompanhando o pensamento de Nietzsche, Foucault nos mostra que as verdades são invenções e, principalmente, se solidificaram através das marcas históricas que se dispersam por meio de arbitrariedades. Por verdade, Foucault “não quer dizer o conjunto das coisas verdadeiras a descobrir ou fazer aceitar, mas o conjunto de regras segundo as quais se distingue o verdadeiro do falso e se atribui ao verdadeiro efeitos específicos de poder” (2001, p.13). Nesse sentido, apoiamos na perspectiva de que as verdades são fabricadas, a fim de suspender o caminho traçado pelo pesquisador que procura *descobrir* finalmente a verdade.

A imagem do castelo de areia feito em dias de ventania nos permite esgarçar aquilo que pretendemos dizer. Em outras palavras, implica na relação que há entre o ensaio e o caminho. Escrever na lógica do ensaio consiste em desfazer o caminho que estava previsto, remetendo a outras direções, novas rotas, habitando instigantes labirintos, pois o “ensaio não adota a lógica do princípio e do fim, nem começa pelos princípios, pelos fundamentos, pelas hipóteses, nem termina com as conclusões, ou com o final” (LAROSSA, 2003, p.112). Outras engenhosas arquiteturas podem assim ser reconstruídas. Desfazemos para construir de novo, talvez com menos pressa, mais ‘vagamundos’⁴ e autores da própria vida.

Como pesquisadoras, aceitamos o desafio de percorrer os descaminhos que se instalam nas travessias e porosidades ainda por habitar da escrita/pensamento, que nos permitem sair e entrar nos labirintos, possibilitando artivamente rasurar os ferrolhos que indicam os caminhos seguros da pesquisa. Contudo, não temos a pretensão de afirmar, tampouco indicar caminhos, porque não é disso que se trata quando nos aventuramos a fazer pesquisa no entendimento do ensaio.

O pesquisador e a paixão pela arte de perguntar se ensaiam diante dos perigos e dos riscos que surgem no caminhar. Perguntar na perspectiva do ensaio não se caracteriza em tarefa simples e corriqueira, já dada pela realidade. Em outras palavras, as interrogativas não emergem de um determinado lugar onde podemos pegá-las e logo em seguida aplicá-las. Sobretudo porque são “as perguntas que dão sentido ao trabalho investigativo, aquelas que mobilizam quem pesquisa, remexem todo o campo de saberes e deixam tudo em aberto, num misto de incerteza e promessa” (COSTA, 2005, p.200).

São as insatisfações e os estranhamentos que fazem jorrar as perguntas e que dão sentido aos fluxos do ensaio. Como não encontramos as perguntas prontas e acabadas, tentamos humildemente criá-las partindo da prerrogativa da suspeita.

⁴ Expressão utilizada pela professora Sandra Mara Corazza (2003). Ver bibliografia.

De que forma escolheremos os fios que se encarregarão de tecer a pesquisa? Que perguntas importam hoje fazer à educação? Como elaborar perguntas que interessam para a Academia? Que efeitos têm para a educação aquilo que investigo? Escrevemos para manter as práticas discursivas dominantes ou tentamos, por meio do ensaio, encontrar rachaduras nas quais se aposta na multiplicidade, possibilitando outros modos de olhar, sentir e viver?

Com a pretensão de ensaiar outras perguntas, estamos nos permitindo nos perdermos de nós mesmos, o que se constitui em uma tarefa árdua, pois somos sujeitos marcados e subjetivados pelas práticas discursivas. Gostaríamos de expor nosso entendimento de discurso a partir da teorização de Foucault (1987): “os próprios discursos, enquanto práticas que obedecem a regras”(p.159). Nesse sentido, Foucault considera que os discursos são práticas sociais, portanto “o discurso ultrapassa a simples referência às “coisas”, existe além da mera utilização de letras, palavras e frases, não pode ser entendido como um fenômeno de mera expressão de algo” (FISCHER, 2001, p. 200). Talvez tenhamos “que dizer de novo, perguntar de outra forma, desconfiar da naturalidade destes discursos, olhar outra vez para esta superfície cheia de saliências e descontinuidades” (LOPONTE, 2005, p.18).

Buscamos, portanto, explorar outras maneiras de pensar e ensaiar-se escrevendo. Na tentativa de responder às questões acima, “é impossível permanecer como se está” (COSTA, 2005, p. 211). Ao modo foucaultiano, tenta-se deslocar o olhar que acostumou a ver, extraindo visibilidades em uma zona de murmúrios incessantes. Foucault nos convoca repetidamente a “fazer ver o que vemos”, rachando a verdade da escrita, para que possam escorrer as palavras que tenham necessidade de inventar outros significados, ou, talvez, “abrir outras palavras, desfazendo ou pelo menos confundindo nossas formas de ver e de dizer as visibilidades e enunciabilidades confortáveis, nas quais repousa nosso olhar acostumado ao que é familiar” (LOPONTE, 2005. p. 60).

As perguntas pululam neste ensaio. Desacomodadas, barulhentas e despertas atraem a nossa atenção ao retomar de outro modo as interrogativas que vem à tona: Que valores são atribuídos à pesquisa? Como produzir pesquisa, experiência, ensaio deixando de ser aquilo que se é através da escritura no universo acadêmico? Que efeitos têm a nossa pesquisa para o campo das ciências sociais? Colocamos estas questões intrigantes para pensar na trama normativa⁵ da escrita acadêmica.

Contrapondo a escrita que segue determinados padrões e modelos, tomamos de empréstimo as palavras de Larrosa (2003):

Os dispositivos de controle do saber são também dispositivos da linguagem. Falar como Deus manda, escrever como Deus manda, ler como Deus manda.

⁵ De acordo com Castro (2009), Foucault aponta que “a norma diferencia os indivíduos; [...] mede em termos quantitativos e hierarquiza em termos de valor a capacidade dos indivíduos; [...] a norma, a partir da valorização das condutas, impõe uma conformidade que se deve alcançar; busca homogeneizar” (p. 31).

Não há revolta intelectual que não seja também de alguma forma uma revolta lingüística e com o que ela nomeia, ou seja, que não há modo de *'pensar de outro modo'* que não seja também, *'ler de outro modo'* e *'escrever de outro modo'* (p. 102) grifos nossos.

Escrita, Pesquisa e Academia. Há muito que pensar sobre essas questões que se entrecruzam na vida do pesquisador, como também um escritor inserido na Academia. A intenção de problematizá-las se intensifica na medida em que desarrumamos, desestabilizamos com nossas perguntas o modelo arborescente da linguagem que trata de imobilizar a diferença. Vejamos as palavras de Deleuze e Guattari (1995, p.25):

Os sistemas arborescentes são sistemas hierárquicos que comportam centros de significação e de subjetivação autômatos centrais, assim como memórias organizadas. Os modelos arborescentes são aqueles em que um elemento não recebe suas informações senão de uma unidade superior, e uma afetação subjetiva de ligações preestabelecidas.

Deleuze e Guattari (1995) utilizam a metáfora botânica a fim de assinalar as estruturas identitárias fixas do sujeito, que operam e determinam modos de ser e de agir modelando a forma de como devem ser: assim, assado⁶. Ousamos expor a escrita arborescente na zona de desconforto e turbulência, na qual a linguagem esquece de seguir a raiz para compor novos arranjos com as minorias que, agenciadas com as potências criadoras, se aproximam dos menores que se arriscam a habitar as margens e movimentar pelas bordas, buscando a vida que ensaia, pulsa.

Nessa perspectiva, os menores são pensados como um modo de subversão, de resistência e de luta ao modelo arborescente, “como aquele que está abaixo da palavra de ordem, como aquele que escapa à lei ao significado” (ZORDAN, 2004, p. 85). Segundo Deleuze (1992), o adjetivo menor não se trata de quantidade numérica, tampouco se refere ao tamanho, argumentando que uma minoria pode ser mais numerosa que a maioria. Entende que a minoria está para os devires e, conseqüentemente, não compreende a língua da ordem, do regimento, e isso implica em desconhecer e desviar do modelo.

A minoridade, “se por um lado coloca-se como condição de inferioridade, por outro se mostra como potência, criação, algo que beira o impossível, que se constitui como algo que está em vias de se fazer” (HILLESHEIM, 2006, p.26). Nesse sentido aproximamos o ensaio “da forma híbrida, impura, e, sem dúvida, menor” (LARROSA, 2003, 105) que não corresponde ao modelo dominante e majoritário que constitui o sistema arborescente.

⁶ Povia-me a música ‘Assim, Assado,’ gravada pelos Secos e Molhados na década de 70: “quando aparece a cor do velho, mas o guarda Belo não acredita na cor assim, ele decide no terno velho assim, assim. Porque ele quer o velho assado. Mas mesmo assim o velho morre assim, assim. E o guarda Belo é o herói assim assado. Porque é preciso ser assim, assado. Por que é preciso ser.”

A academia propulsora do conhecimento legitimado pela sociedade, cuja função se exerce pela quantificação de saberes, utiliza como mecanismo de normatização e normalização dos sujeitos pesquisadores a engrenagem avaliativa. Portanto, somos avaliados por o que produzimos, nos tornando “pessoas produtos”.

(Pausa breve: em uma sociedade fluida e líquida, a questão do sujeito visto enquanto produto não diz respeito apenas ao trabalho acadêmico, visto que o discurso de produtividade constitui as relações e a nós mesmos, assim como o ato de avaliar se torna cada vez mais familiar, natural, e necessário na contemporaneidade.)

A trilogia (pesquisa, escrita e academia) a que nos referimos neste ensaio e que tentamos problematizar anuncia o projeto moderno, que marcou sua passagem por um “mundo descrito pelo obscurantismo, pela irracionalidade e pelo caos social (passagem da Idade Média para Moderna), para outro supostamente esclarecido, organizado e racional, gerando certa maneira de se entender a importância da ordem, do poder implicado na ordenação” (COSTA, 2005. p. 205).

A partir disso, destacamos que a forma de fazer pesquisa na Academia está estreitamente atrelada às concepções do projeto moderno de sociedade, em que tratam de fixar formas de pesquisa, de escrita e produção. Vê-se assim um esforço de homogeneidade nas relações que se referem às formatações do sujeito, do pensamento e da escrita, e na produção de pesquisadores e textos politicamente corretos e comportados.

SEGUNDA VARIAÇÃO: *DESAZENDO OS NÓS NAS TRAVESSIAS*

Tenho medo de escrever. É tão perigoso. Quem tentou, sabe. Perigo de mexer no que está oculto, e o mundo não está oculto em suas raízes submersas em profundidades do mar. Para escrever tenho que me colocar no vazio. Neste vazio é que existo intuitivamente. Mas é um vazio terrivelmente perigoso: dele arranco sangue. Sou um escritor que tem medo da cilada das palavras: as palavras que digo escondem outras, quais? Talvez as diga. Escrever é uma pedra lançada no poço fundo (LISPECTOR, 1978. p. 87).

Concordamos que toda a pesquisa nasce de profundas insatisfações com os ditos e os escritos. Em outras palavras, são os desconfortos, como mencionamos acima, que provocam o surgimento da violência de um novo pensar, estilizando ideias e teorias direcionadas aos caminhos indicados pelo método, *a priori* “tendo a forma de uma estrada ou via férrea que ignora a terra” (LARROSA, 2003, p. 112). Caminho retilíneo composto de linearidades onde o escrever está traçado, determinadamente marcado previamente, onde “ponto de partida e ponto de chegada são tediosamente visíveis” (CORAZZA, 2002, p. 111). A escrita na lógica do ensaio rompe com a previsibilidade, considerando os rios, as montanhas, a sinuosidade do trajeto, os riscos, as quedas, a retidão, as paragens, pois não há formas, apenas experimentação, estão os interesses nas composições tomadas pelo meio, sem nenhuma pretensão de universalidade e de dizer a verdade.

O pensamento se dá nos fluxos do meio onde brotam os rizomas e as ervas daninhas. Nesse sentido, os rizomas diferem do modelo da árvore, porque produzem a diferença e seus heterogêneos. O ensaio, visto a partir dessa lente, conjuga-se com o meio rizomático, agenciando-se com os menores.

Um rizoma não começa e nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo ‘ser’, mas o rizoma tem com o tecido a conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser [...] é que no meio não é uma média; ao contrário, é o lugar onde as coisas adquirem velocidade (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 37).

Não teria sentido, todavia, arriscar-se, expor-se, rompendo com gestos inquietos o silêncio das certezas e das verdades estabelecidas de que tudo já estava lá de forma tranquila, resolvida e pronta. Desse modo, o ensaio produz as falhas no sistema arborescente da escrita, provocando os contágios rizomáticos e as composições de novos arranjos, ao invés de representar o que já foi dito e o que já foi dado. No entanto, possibilita “deslizar como os grãos de areia, quaisquer tentativas de compreensão, de totalização de algum *‘insight’* que aponte o sentido único, mágico, restaurador de uma suposta ordem originária” (HILLESHEIM, 2006, p. 32).

Novamente retomamos a ideia de escrita e pesquisa sem ter a intenção de ser repetitiva, mas buscando desconstruir algumas implicações que nos parecem pertinentes no campo da investigação, sobretudo porque se referem à vida do estudante/pesquisador, enquanto produtora de sentido “baseada na invenção de si como prática de liberdade” (LOPONTE, 2005, p. 138). Que movimentos são necessários, para transformação de si e da produção da escrita/pensamento/pesquisa, “em favor de uma escrita menos automática, menos servil, menos utilitarista; em favor de uma escrita transgressora, que não perde de vista a lei (todas as leis que nos fizeram e fazem dizer escrever deste ou daquele modo?” (FISCHER, 2005, p. 132).

Esta questão em torno da escrita/ensaio nos faz pensar nas palavras de Foucault ao proferir a sua aula inaugural, no Collège de France, em 1970, em que, “ao invés de tomar a palavra, gostaria de ser envolvido por ela e levado bem além de todo o começo possível” (FOUCAULT, 2004, p.05). As palavras que carregam a linguagem da verdade facilmente nos traem, pois estão encharcadas de história, “pertencem a uma época, obedecem a regras, estão inseridas em uma determinada ordem discursiva” (IBIDEM, p. 36). Todavia, talvez seja necessário trair⁷ a linguagem. Em outras palavras, isso implica desprender-nos de nós mesmos, visto que “o objetivo, hoje em dia, talvez não seja descobrir o que somos, mas recusar o que somos” (FOUCAULT, 1999, p.239).

Somos constituídos pelos sistemas de verdade, que capturam nosso modo de olhar, viver e sentir; sobretudo, estas práticas insistem em nos calçar sapatos de

⁷ Trair é um conceito trabalhado por Deleuze de inspiração nietzschiana.

pedra nos imobilizando à dança. Ficamos às voltas com a nossa produção escrita, pois pensar/escrever não se dá naturalmente, não é algo dado, não está endereçada a um determinado lugar. As palavras, descabidas do sistema de verdade, apenas querem ser amadas e tomadas pelos fluxos minoritários do pensamento. Envolvidas pelas linhas heterogêneas, elas se rendem, se distraem e deslizam nas potências criadoras.

Segundo Larrosa (2002, p.21), “não pensamos com pensamentos, mas com palavras; não pensamos a partir de uma suposta genialidade advinda de inteligência superior, mas a partir das nossas palavras”. Arriscamos afirmar que, para escrever, é necessário experimentar-se. Nesse sentido, o ensaio pressupõe a experimentação de si.

O ensaio é o modo experimental de uma escrita que ainda pretende ser uma escrita pensante, pensativa, que ainda se produz como uma escrita que dá o que pensar; é o modo experimental, por último, da vida, de uma forma de vida que não renuncia a uma constante reflexão de si mesma, a permanente metamorfose (LARROSA, 2004, p. 32).

Interessamo-nos em perseguir os traços da escrita ao se inscrever nos modos de subjetivação e estratégias de efeitos do ensaio na constituição do sujeito. Deleuze (1997) entende a escrita “como um caso de devir” (p.11). Os modos de subjetivação, nessa perspectiva, são entendidos como uma possibilidade de reinvenção de novos estilos de existência, tendo em vista, não mais um sujeito constituído pelas práticas discursivas, porém, se constituindo. De acordo com Pelbart (2000, p. 37),

Mas é preciso insistir: a subjetividade não é algo abstrato, trata-se da vida, mais precisamente das formas de vida, das maneiras de sentir, de amar, de perceber, de imaginar, de sonhar, de fazer, mas também de habitar, de vestir-se, de se embelezar, de fruir.

Relacionamos os modos de subjetivação como uma construção de si. Precisamente, nos interessam os movimentos, as inconstâncias e os fluxos que potencializam modos de escrever. Assim, apontamos o ensaio como possibilidade de escrita relacionada à pesquisa em Educação, problematizando a forma imposta, interessando a composição de novas combinações rizomáticas, elevando a potência da experiência. De que modo as escritas podem abrir as fendas para a autoria, provocando ritmos de ensaio como construção de modos de subjetivação, e não de chegadas atentas à objetividade do caminho?

TERCEIRA E ÚLTIMA VARIAÇÃO: ENTRELAÇANDO OS FIOS E ARREMATANDO OS NÓS

É possível que escrever esteja em uma relação essencial com as linhas de fuga. Escrever é traçar linhas de fuga, que não são imaginárias, que se é forçado a seguir, porque a escritura nos engaja nelas, na realidade, nos embarca nelas. Escrever é tornar-se, mas não é de modo algum tornar-se escritor. É tornar-se outra coisa (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 56).

Pretendemos, neste último momento do texto, amarrar alguns fios que problematizamos e também tecer algumas linhas em torno da questão de que tratamos até então. Gostaríamos antecipadamente de afirmar que não pretendemos responder àquilo que perturba. E, a partir desta afirmação aparentemente descompromissada, aproveitamos para salientar que entendemos a pesquisa ao inverso do sentido utilitário e totalitário de encontrar respostas impregnadas de verdade. Desse modo, procuramos “deixar para trás a busca muitas vezes obsessiva por vozes e verdades ‘interiores’, abrindo a (quem sabe) os vazios que circulam entre as palavras, entre muitas coisas ditas, aos murmúrios que continuamente desfazem esses vazios” (FISCHER, 2005, p. 133).

Isso não significa que há um vale tudo em que não se precise de um rigor intelectual; ou, então, que nossas pesquisas são gestadas por nós e para nós mesmos, em um gesto individualista e narcisista. Contudo, problematizar e perguntar nas nossas pesquisas se inscrevem por meio de linhas e respostas provisórias e incompletas que trafegam nos percursos transitórios.

O que importa consiste em ‘não produzir algo verdadeiro, no sentido definitivo, absoluto [...] mas de dar ‘peças’ ou ‘bocados’, verdades modestas, novos relances, estranhos que não implicam em silêncio [...] mas que sejam utilizados por outros, como chaves de uma caixa de ferramentas’(VEIGANETO, 2002, p. 26).

A escrita que desfaz o sujeito a cada traçado, uma nova dança do pensamento “nesta aventura encarna-se um sujeito, sempre outro: escrever é traçar, é um devir. Escrever é esculpir com palavras a matéria-prima [...] escrever é fazer letra para a música do tempo”. (ROLNIK 1993, p.246). Talvez por meio da escrita possamos criar as práticas de liberdade, ou, então, as sendas possíveis de uma vida como obra de arte.

Finalizando, mas não concluindo, trouxemos para cá os versos de Pessoa (1998, p.46):

Aprendo com abelhas que com aeroplanos.
 É um olhar para baixo que eu nasci tendo.
 É um olhar para o ser *menor*, para o
 insignificante que eu me criei tendo.
 O ser que na sociedade é chutado como uma
 barata – cresce de importância para o meu
 olho.
 Ainda não entendi por que herdei esse olhar
 para baixo.
 Sempre imagino que venha de ancestralidades
 machucadas.
 Fui criado no mato e aprendi a gostar das
 coisinhas do chão -
 Antes que das coisas celestiais.
 Pessoas pertencidas de abandono me comovem:
 Tanto quanto as soberbas *coisas ínfimas* (grifos nossos).

REFERÊNCIAS

- BARROS, Manoel. *Memórias inventadas: a infância*. São Paulo: Planeta, 2003.
- CASTRO, Edgardo. *O Vocabulário de Foucault*. Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- CORAZZA, Sandra Mara. Labirintos da pesquisa, diante de ferrolhos. IN: COSTA, Marisa Vorraber (org.). *Caminhos Investigativos*. Novos olhares na pesquisa em educação. 2ed. Rio de Janeiro. DP&A. 2002.
- _____; SILVA, Tomaz Tadeu. *Composições*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- COSTA, Marisa Vorraber. Velhos temas, novos problemas - a arte de perguntar em tempos pós-modernos. IN: COSTA, Marisa V.; BUJES, Maria I. (org.) *Caminhos Investigativos III*. Riscos e Possibilidades de se Pesquisar nas fronteiras. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. DELEUZE, Gilles. Rachar as coisas, rachar palavras. *Conversações*. Rio de Janeiro: Ed.34, 1992. (p.105-117)
- _____; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia*. vol.1. Rio de Janeiro: 34, 1995.
- _____. *A literatura e a vida*. Crítica e Clínica. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed.34, 1997.
- _____; PARNET, Claire. *Diálogos*. Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Editora Escuta, 1998.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Foucault e a análise do discurso em Educação*. Caderno de Pesquisa. n.114, nov/2001.
- _____. Escrita acadêmica: a arte de assinar o que se lê. . IN: COSTA, Marisa Vorraber; BUJES, Maria Isabel. (org.) *Caminhos Investigativos III*. Riscos e Possibilidades de Pesquisar nas fronteiras. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
- _____. O sujeito e o poder. IN: RABINOV, Dreyfus. *Foucault*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.
- _____. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2001
- _____. *Ordem do discurso*. São Paulo, Edições Loyola, 2004.
- HILLESHEIM, Betina. *Entre a literatura e o infantil: uma infância*. Tese (Doutorado). Porto Alegre: PUCRS, 2006.

LARROSA, Jorge. *Notas sobre a experiência e o saber da experiência*. Revista Brasileira de Educação. Rio de Janeiro. n.19, 2002.

_____. *O ensaio e a escrita acadêmica*. Revista Realidade e Educação. Porto Alegre. n. 28(2), jul/dez 2003.

_____. Operação Ensaio: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida. Revista Realidade e Educação. *Dossiê Foucault*. Porto Alegre. n. 29(2), jan/jun. 2004.

LISPECTOR, Clarice. *Um sopro de vida*. 4ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1978.

LOPONTE, Luciana Grupelli. *Docência artista: arte, estética de si e subjetividades femininas*. Tese de Doutorado. PPGDEU/ UFRGS. Porto Alegre. 2005

PELBART, Peter Pál. *A vertigem por um fio*. Políticas da Subjetividade Contemporânea. São Paulo: Iluminuras. 2000

PESSOA, Fernando. *Retrato de artista quando coisa*. Rio de Janeiro: Record, 1998.

ROLNIK, Suely. Pensamento, corpo e devir. Uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. *Cadernos de Subjetividade do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP*. São Paulo. v.1, n.2. 1993.

VEIGA-NETO, Alfredo. Olhares. . IN: COSTA, Marisa Vorraber (org.). *Caminhos Investigativos*. Novos olhares na pesquisa em educação. 2ed. Rio de Janeiro. DP&A. 2002.

ZORDAN, Paola. Geo-educação: arte, paisagens vituais. IN:_____; CORAZZA, Sandra; SILVA, Tomaz. *Linhas de Escrita*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

